

Variações sobre um Passeio no Parque

Viviane Beineke
Andréia Veber



Viviane Beineke

vivibk@gmail.com

Doutora e Mestre em Música – Educação Musical – pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Curso de Licenciatura em Música e do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Autora da coleção *Canções do mundo para tocar* (2001 e 2002) e do livro/CD/CD-Rom para crianças *Lenga la Lenga: jogos de mãos e copos* (2006). Atua em temáticas relacionadas à formação de professores, produção de material didático e o ensino de música na escola básica, com ênfase na aprendizagem criativa.

Andréia Veber

andreiaveber@gmail.com

Mestre em Música – Educação Musical – pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e licenciada em Música pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professora do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Atua em temáticas relacionadas à formação de professores e ensino de música na escola de educação básica e é tutora no curso de Educação Musical – EaD da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)/Universidade Aberta do Brasil (UAB).

Resumo: Neste artigo apresentamos algumas propostas de atividades que foram elaboradas tomando como fio condutor a ideia de um passeio no parque, com o objetivo de contemplar uma variedade de contextos educativos que comumente encontramos na educação musical escolar. As propostas de atividade são fundamentadas nos princípios de ação sugeridos por Swanwick (2003): considerar a música como discurso, considerar o discurso musical dos alunos e prezar pela fluência musical em todos os momentos do processo de aprendizagem. Primeiramente é apresentada a composição *Passeio no Parque*. Depois, a partir dela, são sugeridas algumas variações e ideias de continuidade da proposta, envolvendo atividades de execução, composição, jogo de improvisação e apreciação musical.

Palavras-chave: educação musical escolar; composição *Passeio no Parque*; jogo de improvisação.

Abstract: *In this article we present some proposals for activities elaborated having a “promenade in the park” as guide idea, with the purpose of contemplating a variety of educative contexts that are commonly found at school musical education. The activities proposed are fundamented on the action principles suggested by Swanwick (2003): to consider music as a speech, consider the musical speech of the students and care for their musical fluence at all moments of the learning process. First, the music composition *Passeio no Parque* (Promenade in the park) is presented. Then, from it, are proposed some variations and ideas for giving continuity to the proposal, involving execution activities, composition, improvisation game and musical appreciation.*

Keywords: *school music education; composition *Passeio no Parque*; improvisation game.*

Para começo de conversa...

Vocês já foram a um parque de diversões? Como ele era? Quais são os brinquedos que vocês mais gostam? E vocês já experimentaram fechar os olhos e ouvir os sons do parque? Vamos tentar imaginar? Como é que seria? Vocês conseguem imaginar os sons dos brinquedos? O parque está vazio ou cheio de gente? Tem alguma música tocando?

Agora vamos imaginar que a gente vai passear em um parque de diversões e, como num toque de magia, nossos gestos movimentam os brinquedos, que se tornam música. Vamos construir a nossa música do parque?

A partir da ideia de um passeio no parque, apresentamos neste artigo algumas propostas de atividades que podem ser realizadas em sala de aula, tomando como fio condutor a ideia de um passeio em um parque de diversões. Na sua elaboração, pensamos em diferentes abordagens musicais e pedagógicas, visando contemplar uma variedade de contextos educativos que comumente encontramos na educação musical escolar.

As atividades propostas preveem a participação de todos os alunos no fazer musical, permitindo a sua participação ativa nas aulas, por meio da regência, da execução, da apreciação, da composição e da improvisação. Pretendemos contemplar também a diversidade de preferências e habilidades musicais dos alunos, considerando o trabalho com grupos heterogêneos e numerosos.

As propostas de atividades aqui apresentadas são fundamentadas nos princípios de ação sugeridos por Swanwick (2003): considerar a música como discurso, considerar o discurso musical dos alunos e prezar pela fluência musical em todos os momentos do processo de aprendizagem. Esses são princípios básicos de ação para que o ensino de música se torne “musical” e para que as práticas musicais em sala de aula se tornem significativas para os alunos. Para o autor, esses são cuidados que podem ajudar o professor a refletir sobre a qualidade da educação musical que é oferecida nas escolas.

Primeiramente, apresentamos a nossa composição *Passeio no parque* e depois, a partir dela, sugerimos algumas variações e ideias de continuidade da proposta.



Para saber mais:

FRANÇA, C. C. Sozinha eu não danço, não canto, não toco. *Música na educação básica*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, outubro de 2009, p. 23-35.

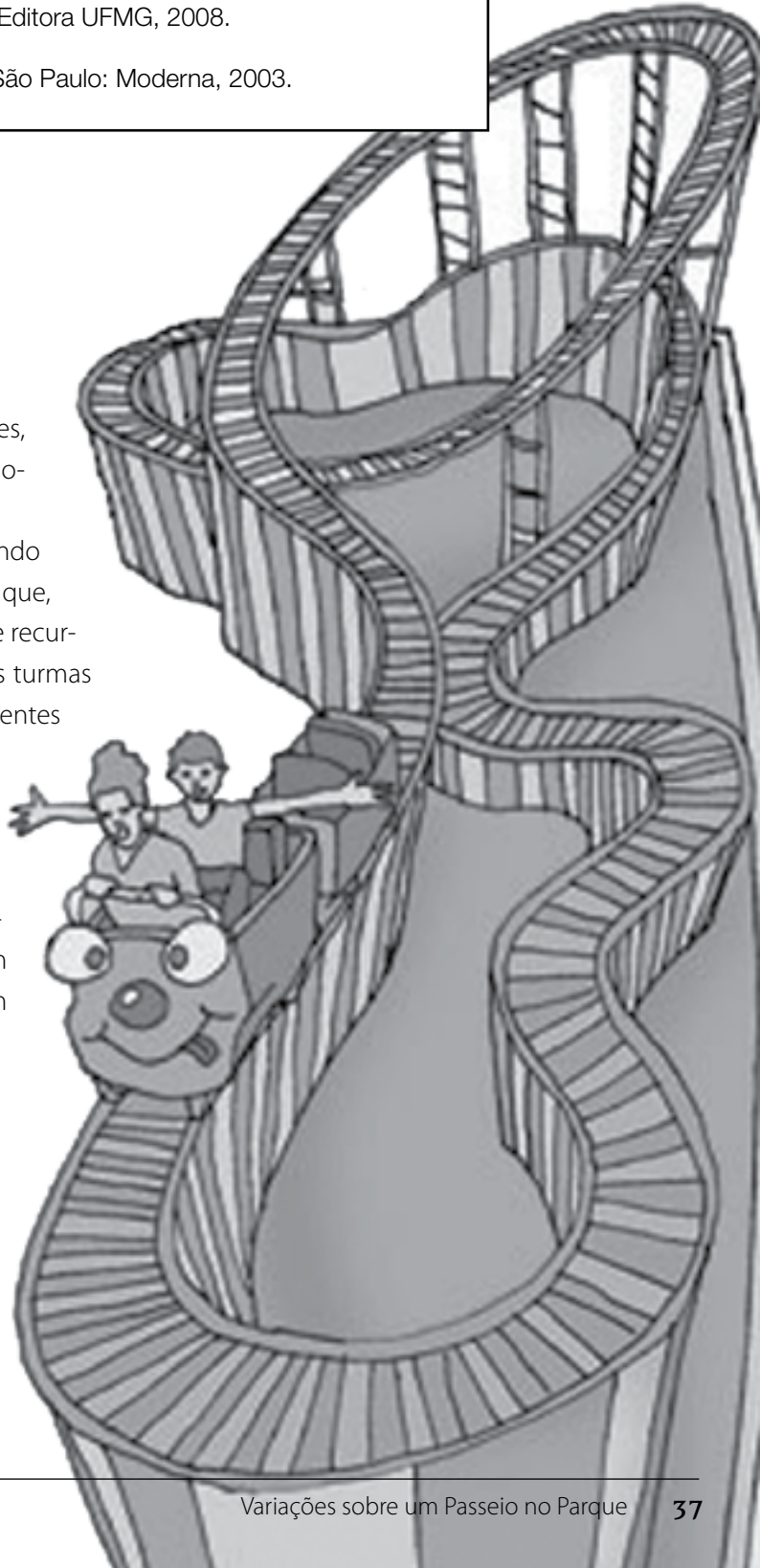
FRANÇA, C. C. *Para fazer música*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SWANWICK, K. *Ensinando música musicalmente*. São Paulo: Moderna, 2003.

Passeio no Parque: a composição

Imaginamos um pequeno parque de diversões, daqueles que vão passando de cidade em cidade, movimentando a rotina dos moradores.

A composição *Passeio no parque*¹ foi elaborada tendo em vista o contexto da educação musical na escola que, muitas vezes, se caracteriza por turmas numerosas e recursos instrumentais escassos. Também são frequentes turmas escolares compostas por alunos e alunas com diferentes habilidades instrumentais e domínio da notação musical tradicional. *Passeio no parque* procura dar conta e explorar positivamente essas características técnicas e musicais encontradas pelo educador musical na sala de aula, na medida em que permite variadas possibilidades de instrumentação, com partes mais simples e mais complexas, que podem ser tocadas por partitura ou “de ouvido”.



1. A composição *Passeio no Parque* foi elaborada por Andréia Veber durante a sua participação no projeto “Produção de material didático para o ensino de música”, coordenado pela professora Viviane, na UDESC. A revisão composicional da música foi realizada por Fernando Lewis de Mattos.

Musicalmente, a composição mescla elementos musicais mais convencionais, como as partes do realejo, do carrossel e da montanha russa, com partes que exploram ruídos e efeitos sonoros para voz e flauta doce, como as ideias propostas para o som do burburinho, do trem fantasma e da montanha-russa. Em relação à métrica, a peça também permite o trabalho com diferentes concepções de tempo: métricos ou não métricos, sincronizados ou não.

Como uma composição aberta, os intérpretes podem participar da sua construção, explorando as ideias apresentadas ou mesmo acrescentando novos elementos à composição. Sugerimos que a peça seja regida tanto pelo(a) professor(a) como pelos próprios alunos e alunas, que podem experimentar as possibilidades expressivas geradas pela combinação das sonoridades e temas de cada grupo. É importante a turma analisar as diferentes versões realizadas em aula, procurando compreender as maneiras de participação, interpretação e improvisação que a música oferece.



O realejo é um instrumento musical singelo, que toca melodias predefinidas quando se gira uma manivela, acionando os foles e um cilindro dentado que abre as válvulas dos tubos do órgão para a produção das notas musicais. Nos parques de diversão antigos, era comum o “homem do realejo”, que acionava o instrumento e, em troca de algumas moedas, distribuía mensagens de amor, felicidade e esperança... Atualmente, existem realejos mecânicos e até mesmo realejos virtuais na internet! Faça uma busca e consulte a sua sorte!

Realejo, acrílico sobre madeira de David Kim (2008)
Ilustração cedida pelo artista.

Orientações para a interpretação da música

Como em um sonho, você pode imaginar que está sozinho no parque ou que o parque está cheio de pessoas. Em alguns momentos pode ser usada uma caixinha de música, que é ligada e desligada conforme a indicação do regente. A caixinha de música também poderia substituir o grupo do realejo.

Para tocar a música, são necessários seis grupos e um regente: cinco grupos representam um tema musical para cada brinquedo do parque, enquanto um grupo representa o burburinho das pessoas. O som do realejo é ouvido em quase todo o parque. Os outros sons são ouvidos à medida que nos aproximamos de cada brinquedo.

O regente é quem comanda a brincadeira, passeando pelo parque, descobrindo as diferentes sonoridades que podem ser produzidas, indicando o andamento, a dinâmica e combinando os temas dos brinquedos sonoros. Antes de ir embora, não podemos nos esquecer de ouvir mais uma vez o realejo e fazer nosso pedido.

Na execução da música, procure explorar todo o espaço da sala de aula, imaginando a distribuição dos brinquedos no parque. Sugerimos também que o regente caminhe pela sala durante a regência, como se estivesse passeando. Repare que trabalhamos aqui com uma ideia de espaço na música que difere daquela em que o regente fica à frente dos intérpretes: os sons são ouvidos por todos os lados. Seria interessante refletir com os alunos sobre as ideias de espaço sonoro que se criam dessa maneira, ou em uma sala de concerto, ou quando ouvimos música em um aparelho de som que distribui os sons em dois (ou mais) canais, criando a sensação de movimento.



Realejo

Grupo 1: Flautas doces (soprano/contralto) ou xilofones (soprano)



O som do realejo permanece durante quase toda a música. Podem ser realizadas variações de dinâmica, imaginando os deslocamentos do regente no parque. A linha do baixo também pode ser executada separadamente das vozes superiores.

Carrossel

Grupo 2: Flautas doces (soprano) ou jogo de sinos



Tocar com um caráter alegre e saltitante, como se fossem os bichinhos do carrossel.

Roda Gigante

Grupo 3. Flautas doces (soprano ou tenor)



Tocar bem ligado, imaginando a subida e a descida da roda gigante.

Trem fantasma



Grupo 4: Cabeça da flauta doce e vozes



Utilizar somente a cabeça da flauta (soprano, contralto ou tenor) para produzir os sons, variando a altura do som através da movimentação do dedo ou da palma da mão no tubo da flauta. Com execução em *frulatto*, isto é, com o som bem “tremido”, tentar imitar o “uuuuuuuuuuuuuuu” do fantasma. Com a voz podem ser realizados gritos das pessoas no trem, os uivos dos monstros ou a risada da bruxa. Realizar muitas variações de dinâmica.

Montanha Russa



Grupo 5: Percussão e vozes



Utilizar sons percussivos – como tambores, batidas dos pés no chão ou das mãos nas pernas – para imitar o som do carrinho andando no trilho. O regente vai indicar a velocidade do carrinho na montanha russa, fazendo corresponder ao andamento, que acelera e desacelera. Quando o carrinho da montanha russa estiver descendo, podem ser acrescentados gritos com as vozes. Ir diminuindo o andamento quando a viagem na montanha russa estiver terminando.

Burburinho



Grupo 6: Vozes

As vozes imitam o burburinho do parque: os sons das conversas, as risadas das pessoas e os pregões dos vendedores de pipoca e algodão doce. O efeito de burburinho pode ser obtido se um grupo grande sussurrar a palavra “uala”, cada participante em um tempo diferente. Também podem ser inventadas outras palavras, com sons diferentes (nasais, fricativos, guturais), para obter maior variedade. O grupo do burburinho pode movimentar-se pela sala quando o regente indica que ele deve soar, mas todos ficam no mesmo lugar quando estão em silêncio.

Variação da atividade

Em vez de propor a execução das partes apresentadas acima, o(a) professor(a) pode propor que cada grupo elabore uma pequena peça musical para um dos elementos do parque. Depois, os alunos apresentam seus trabalhos, sob a regência do(a) professor(a) ou dos alunos e alunas, combinando e sobrepondo os trabalhos elaborados por cada grupo, construindo a música do parque a partir do conjunto de ideias apresentadas em aula.

O conjunto que se cria com a sobreposição das peças musicais criadas por cada grupo na turma poderia ser chamada de uma “colagem musical”. Empregando essa técnica composicional podem ser feitas colagens utilizando composições dos próprios alunos, ou também criando texturas musicais através da justaposição de músicas conhecidas dos alunos. Se a escola dispõe de computadores, os alunos podem utilizar um programa de edição musical para experimentar trabalhar, em um mesmo projeto, com várias músicas sobrepostas, explorando uma infinidade de recursos expressivos.



“A **técnica da colagem** (...) é uma das principais técnicas de elaboração musical empregadas a partir da apropriação de materiais heterogêneos, esparsos ao longo de determinada obra. A colagem consiste na justaposição ou na sobreposição de elementos com origens distintas e produz um resultado almejado por vários músicos, nos últimos anos, que é a produção de texturas sonoras heterofônicas, nas quais se tem a nítida sensação de estar escutando diversas músicas, simultaneamente. É interessante notar que essa técnica já era empregada por Charles Ives, desde o início do século XX. Sua *Unanswered Question* (1906) já opunha três ideias musicais distintas, sem que se produzisse qualquer tipo de interação entre elas”. (Mattos, 2005, p. 15)



Para saber mais:

SCHAFFER, R. M. *O Ouvido Pensante*. Tradução de M. T. de O. Fonterrada, Magda R. G. da S. e Maria Lúcia Pascoal.. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

Nesse livro (p. 96-103), o autor apresenta a transcrição de uma atividade baseada na ideia de perspectiva, utilizando a peça *The Housatonic at Stockbridge*, de Charles Ives, a última de suas *Three Places in New England*.

As **colagens musicais** também podem ser realizadas em forma de videoclipe, quando ficam mais evidentes os materiais utilizados na construção musical, como, por exemplo, na colagem de trechos de filmes. Pesquisando na internet, você pode encontrar uma variedade de trabalhos nessa linha.

Conheça o resultado de uma colagem em que pequenos improvisos para diversos instrumentos que são tocados simultaneamente, em *loop*, com ciclos diferentes para cada instrumento. Assista em: <http://www.youtube.com/watch?v=MilGsQI1Xws>.



Ampliando escutas

Escute com os alunos a música *Parquinho do presente, passado e futuro*, de Hermeto Pascoal, do CD *Eu e eles*. Nessa música Hermeto utiliza diversos materiais sonoros, como brinquedos de criança, potes e uma “tuba de abóbora”, para criar o clima de um parquinho de diversões. Assista ao vídeo dessa música em: <http://www.youtube.com/watch?v=pnHs057-aqQ>



Passeio no Parque: o jogo de improvisação

“Improvisar, nos planos da educação, envolve transformar os modos de lidar com o sonoro e musical, bem como de refletir sobre tal fazer”. (Brito, 2007, p. 158)



Outra proposta que elaboramos neste trabalho é a ideia de um jogo de improvisação sobre a ideia do passeio no parque. Partimos aqui de alguns princípios de Koellreutter sobre o uso da improvisação como uma ferramenta para a vivência e conscientização de importantes questões musicais, aliadas ao desenvolvimento do respeito, da tolerância, da capacidade de compartilhar, criar e refletir (Brito, 2001).

A ideia de jogo na música, segundo Delalande (1995), pode ser abordada de diferentes maneiras: *jogo sensório-motor*, *jogo simbólico* e *jogo com regras*. A música como *jogo sensório-motor* envolve a nossa habilidade de tocar um instrumento, de controlar a sonoridade que almejamos. Os ouvintes participam desse jogo, mas simbolicamente, quando se colocam no lugar do intérprete. A música como *jogo simbólico* é outra abordagem do fenômeno musical que se refere ao “fazer como se”: o jogo que imita o real e o organiza à sua maneira. São as relações simbólicas que estabelecemos com o sonoro,

quando a música evoca movimentos, situações vividas e sentimentos. Já a música como *jogo de regras* envolve o prazer que sentimos na organização do discurso musical, na sua construção segundo idiomas específicos, que variam de uma cultura musical para outra. Na proposta de atividade a seguir, trabalhamos com essas três dimensões do jogo na música.

Roteiro da improvisação



“A necessidade de organizar signos geradores de formas, de pesquisar e experimentar materiais sonoros, a vivência do silêncio e das características do som, do contraste entre elementos de redundância e de informação, de um novo conceito de tempo, dentre outros aspectos, podem ser trabalhados por meio da improvisação em contextos que devem valorizar também a reflexão sobre o fazer”. (Brito, 2001, p. 92)

A ideia do jogo sobre o tema de um passeio no parque poderia ser introduzida com a elaboração de um roteiro desse passeio: como é a chegada no parque, a caminhada observando os brinquedos, ouvindo as pessoas conversando, os gritos na montanha russa, o cheiro de pipoca, as risadas das crianças, uma música tocando ao fundo. É final de tarde e o parque acabou de abrir, as pessoas estão chegando... E vão se sobrepondo as sonoridades, cada vez mais densas, mais pesadas, mais fortes.

De repente, tudo muda, que susto: um estouro! O que foi isso? Silêncio total por alguns instantes, que aos poucos é substituído por um momento de confusão, pessoas correndo, gritos... O que foi isso? Mais uma vez, silêncio: todos param no lugar, olham para o alto: fogos de artifícios iluminam o céu e as pessoas observam. Passados alguns instantes, cessam os fogos e, aos poucos, os brinquedos voltam a funcionar, a festa continua... Esse momento dos fogos pode se repetir mais algumas vezes, criando um contraste de sonoridades. No final, vamos para casa, e os sons do parque vão ficando cada vez mais distantes...

Depois de combinado o roteiro da improvisação com a turma, cada aluno e aluna deverá escolher para si uma ou duas sonoridades, que podem ser executadas com a voz ou instrumentos musicais. Essas sonoridades não precisam se limitar à imitação de sons específicos, podem ser pequenos motivos rítmicos ou melódicos que, de alguma maneira, são significativos para os alunos e alunas. É importante que um dos participantes faça o papel de gerente do parque, porque o gerente é quem vai “dialogar”, sonora e gestualmente, com o restante do grupo, organizando a forma do improviso. O grupo também precisa definir como será representado o som dos fogos e eleger um colega para “tocar” os fogos na música.

Ampliando conceitos

O **silêncio** pode ser utilizado como um forte recurso expressivo nesse jogo de improvisação. Segundo Koellreutter (1987, p. 34), o silêncio pode ser entendido de diferentes maneiras: na música tradicional, o silêncio é representado na pausa, que articula e separa as partes da música; na música de hoje o silêncio adquire outros sentidos: o vazio repleto de possibilidades.

O conceito de **campo sonoro** também pode ser relacionado à composição e ao jogo *Passeio no parque*, que não focaliza a precisão, a exatidão, o rigor e a regularidade da execução. Segundo Koellreutter, nessa perspectiva, não se considera, a princípio, alturas e tempos absolutos, e sim, graduações e tendências; não se trata de acordes, mas de grupos de sons; nem de ritmos e andamentos determinados, mas de graus de velocidade, de mudanças de andamento, de tendências. Assim, na estética relativista contemporânea a composição de campos depende principalmente do equilíbrio das relações entre ordem e desordem (Koellreutter, 1987, p. 35).



Você pode baixar o jogo *Passeio no Parque* gratuitamente no link: www.ceart.udesc.br/passeionoparque

Depois de interpretar *Passeio no parque*, você pode ouvir com os alunos um trecho da obra *Petrouchka*, de Igor Stravinsky. Nessa música, vários cenários musicais são sobrepostos, com muitas coisas acontecendo simultaneamente. À primeira vista, pode parecer confuso, mas procure ir “desvendando” cada momento com os alunos.

“**Petrouchka** é um dos mais famosos balés de Igor Stravinsky, ao lado de *O Pássaro de Fogo* e *A Sagração da Primavera*. Estreou em Paris em 1911. Em *Petrouchka*, Stravinsky buscou recriar a atmosfera das festas populares de seu país, colocando em cena as mais variadas personagens circulando por uma praça de São Petersburgo, final de inverno, em plena Terça-feira Gorda do Carnaval de 1830. É nesta velha praça que encontraremos uma Feira de Diversões com mascarados e artistas saltimbancos, dividindo a atenção do público: são dançarinas, domadores de animais, homens do realejo despertando cantigas. É grande a concentração de gente, ainda maior é o rumor... nada que não estivesse planejado. Ao compor a música, escreveu Stravinsky em sua biografia, ‘tinha na imaginação a figura característica de um boneco, repentinamente dotado de vida, que viesse irritar a orquestra com diabólicas



cascatas de arpejos ao piano. Por sua vez, a orquestra responderia com ameaçadores acordes de trompete. O resultado: é então um barulho terrível que chega ao clímax e termina com o triste e lamentável fim do pobre boneco'. Precisando dar mais música para a ação no palco, Stravinsky alimentou-se de um grande número de melodias folclóricas russas fazendo convergir os repertórios erudito e popular na saga dos resgates da tradição..."

Fonte: Peter O'Sagae - O Caracol do Ouvido - Rádio+Idéias. Disponível em: <http://caracol.imaginario.com/letrasonora/index.html>

Você também pode convidar seus alunos para assistir a vídeos de *Petrouchka*. Porém, para que os diferentes cenários musicais sobrepostos sejam mais bem percebidos, consideramos importante que, primeiramente, seja realizada somente a escuta da gravação, sem imagens.



Como sugestão, assista: <http://www.youtube.com/watch?v=JbWDG3LU4bc>>

Continuando a conversa...

Para finalizar, optamos por trazer uma discussão sobre a avaliação da produção musical dos alunos no contexto de sala de aula. Fator que, muitas vezes, torna-se um grande dilema para nós professores.

O que avaliar? De que maneira? Como considerar tanto o produto como o processo dos alunos? No âmbito deste artigo, gostaríamos de apresentar uma perspectiva de avaliação fundamentada na ideia de participação coletiva, incluindo os alunos e os professores. Segundo Mardell, Otami e Turner (2008, p. 118), quando as crianças têm espaço para partilhar suas ideias e refletir a respeito delas, conseguem construir um corpo de conhecimento coletivo sobre o objeto em questão, permitindo que elas sigam modificando e adicionando ideias e construindo compreensões coletivas sobre como o grupo trabalha.

Nessa perspectiva, visamos engajamento mútuo, compromisso e respeito no grupo, valores que consideramos essenciais em educação. Segundo Wenger (2008), esse tipo de engajamento não entalha homogeneidade, mas cria interações entre as pessoas, na sua diversidade. Destacamos que essa ideia de avaliação coletiva, que consideramos parte de um processo intersubjetivo de aprendizagem (Beineke, 2009), não significa adesão cega à ideia do outro ou submissão ao discurso hegemônico e legitimador, e sim, como argumenta Martinazzo (2005), um princípio central no estabelecimento de solidariedade, de interação e de socialização. Essas características provocam um alto senso de pertencimento e comprometimento mútuo que pode ancorar a aprendizagem criativa na educação musical escolar.



Para conhecer um pouco mais sobre avaliação em música:

HENTSCHKE, L.; SOUZA, J. (Org.). *Avaliação em Música: reflexões e práticas*. São Paulo: Moderna, 2003.



Referências

BEINEKE, V. *Processos intersubjetivos na composição musical de crianças: um estudo sobre a aprendizagem criativa*. Tese (Doutorado em Música)–Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/17775>>. Acesso em: 15 maio 2010.

BRITO, M. T. A. de. *Por uma educação musical do pensamento: novas estratégias de comunicação*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

BRITO, T. A. de. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo, Peirópolis, 2001.

DELALANDE, F. *La música es un juego de niños*. Trad. Susana G. Artal. Buenos Aires: Ricordi, 1995.

KOELLREUTTER, H.-J. *Introdução à estética e à composição musical contemporânea*. Org. Bernardete Zagonel e Salette M. La Chiamulera. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 1987.

MARDELL, B.; OTAMI, S.; TURNER, T. Metacognition and creative learning with American 3-8 year-olds. In: CRAFT, A.; CREMIN, T.; BURNARD, P. (Ed.). *Creative learning 3-11: and how to document it*. Sterling: Trentham Books, 2008. p. 113-121.

MARTINAZZO, C. J. *Pedagogia do entendimento intersubjetivo: razões e perspectivas para uma racionalidade comunicativa na Pedagogia*. Ijuí: Unijuí, 2005.

MATTOS, F. L. de. *Pluralia tantum: reflexões sobre a música contemporânea*. Porto Alegre: [s.n.], 2005.

SWANWICK, K. *Ensinando música musicalmente*. São Paulo: Moderna, 2003.

WENGER, E. *Communities of practice: learning, meaning, and identity*. 18th printing. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.